O EXERCÍCIO DE CONSCIÊNCIA QUE O LIVRO *FLORESTA DAS NUVENS* NOS IMPÔS

PAULO J. M. BARCELOS *

*ASSOCIAÇÃO OS MONTANHEIROS (NOTA DO EDITOR)

No dia 23 de março foi lançado nos Paços do Concelho de Angra do Heroísmo o livro *Floresta das Nuvens*, da autoria de Paulo Henrique Silva. Esta obra, que tem por editores o Município de Angra do Heroísmo e a Associação Os Montanheiros, foi posteriormente lançada nas ilhas do Pico e Faial. Em Angra contou com a apresentação do biólogo dr. João Paulo Constância, Diretor do Museu Carlos Machado em Ponta Delgada, e do Bispo da Diocese de Angra D. Armando Esteves Domingues. No Pico foi apresentado pelo dr. Hernâni Jorge e no Faial contou com a presença do poeta e filósofo dr. Rui Machado.

Não se pretende aqui redizer tudo o que foi dito sobre a qualidade estética da obra, o seu sentido de oportunidade, o seu valor enquanto repositório de informação ou a sua importância como documento para memória futura, nem falar "dos lindos olhos do autor" porque estiveram os apresentadores *proibidos* de o fazer. Mas, entre os entusiasmantes momentos de conversa que se foram gerando, onde muito se falou sobre a sustentabilidade de ecossistemas, o papel do Homem e o futuro da humanidade, surgiu algo de novo que gerou silêncios e apreensão nas assembleias.

Na apresentação em Angra não se falou apenas do papel do Homem enquanto modelador da Natureza, da evolução da espécie que lhe deu corpo, ou da sua racionalidade que o elevou a figura suprema da lógica e da emoção neste planeta, no entender de alguns. Falou-se também de uma nova *essência* que começa a estar cada vez mais presente nas nossas vidas, ainda que sem emoções, amuos ou estados de alma, mas com uma capacidade de processar o lógico e de gerar respostas que já nos ultrapassa a todos.

Foi em 1997 anos que o computador *Deep Blue* ganhou no xadrez a Garry Kasparov. Cerca de 25 anos volvidos a *Inteligência Artificial* deu-se a conhecer de forma incisiva *à população mundial*, em formatos interativos fáceis de utilizar e analisar.

O dr. João Paulo Constância na sua apresentação, a fim de estimular o debate, a dada altura lê um texto gerado por um *assistente virtual inteligente* denominado ChatGPT como resposta a uma questão que lhe havia colocado. O que ouvimos permitiu-nos apreciar a forma como uma *Inteligência* de circuitos integrados processa informações dispersas em servidores espalhados por todo o mundo e responde, de forma quase imediata, com um texto detalhado, bem articulado e cativante. Quanto à precisão… não chega aos 100% (numa análise humana), mas a máquina "aprende", lembra-se das respostas que deu e responde melhor nas vezes seguintes, mostrando-se cada vez mais "determinada". Os humanos atualizam-na de tempos a tempos e, entretanto, ela própria se vai corrigindo e apurando na resposta.

Ainda que imperfeito, é deveras impressionante. O guru Bill Gates afirma que a IA vai mudar o mundo porque se até agora a inteligência artificial se limitava a ler e escrever, começa agora a entender o conteúdo. Pois é, este conversador online

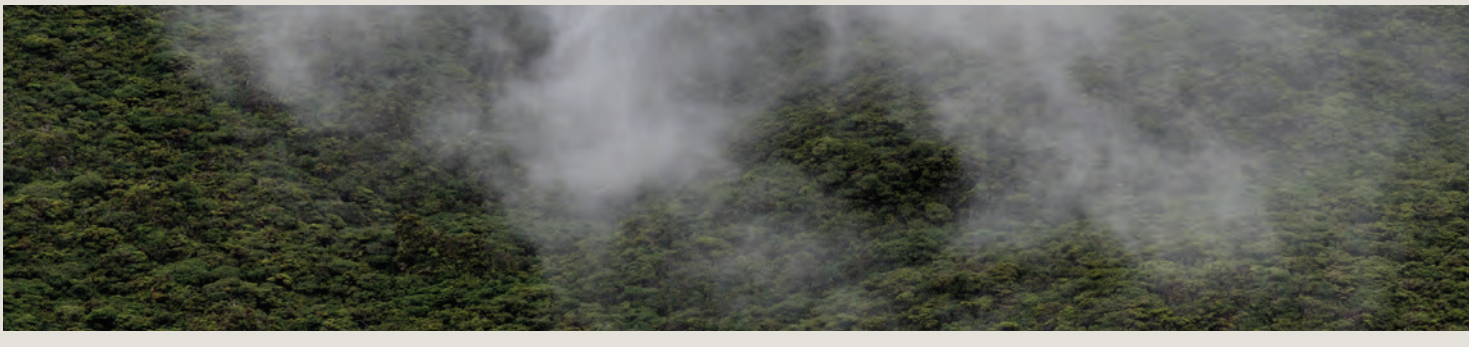
com quem podemos interagir é versátil. Já responde melhor que um humano a algumas questões; escreve programas e emula sistemas informáticos; simula uma sala inteira de conversação (*chat*); joga; compõe música; faz fotografia (que até já ganha prémios); redige histórias para crianças, redações para estudantes (certamente um pesadelo para os professores), letras de músicas (não tendo em conta o "politicamente correto"), poesia e brevemente argumentos para filmes e séries (imagino eu). O que pensar quando se observa que o ChatGPT já é capaz de escrever *malware* e e-mails de *phishing*?

Hoje corremos o risco de deixarmos de saber com quem estamos a dialogar ou qual a origem da criatividade que avaliamos ou consumimos. Depois isso, quem sabe se não entraremos em cenários visionários e "futuristas" semelhantes aos filmes de ficção científica com que a indústria cinematográfica nos tem presenteado.

No lançamento do livro no Faial o autor convidou o dr. Rui Machado, com o intuito de haver *contraditório às virtuosidades da Inteligência Artificial*. E foi o que obtivemos ao ouvir a apresentação de Rui Machado e a discussão consequente que se gerou. Como se trava essa descabida vontade de "caminhar depressa para antecipar o fim"? Como se impede essa estúpida vontade de nos querermos anular perante essas tecnologias, sempre novas e sedutoras? Por mais quanto tempo a criatividade de origem humana se distinguirá da criatividade debitada por uma inteligência artificial? Conseguiremos firmar valores Éticos que coloquem a humanidade sempre em primeiro lugar?

Deixamos aqui as duas apresentações referidas, numa altura em que claramente se estão a começar a escancarar portas e a deixar entrar nas nossas vidas uma *oferta* que receamos desembrulhar.

Hoje é o dia em que nos começamos a preocupar com a *consciência* de entidades inanimadas.



QUANDO VAMOS DESCER DAS NUVENS?

TEXTO DE APRESENTAÇÃO DO DR. JOÃO PAULO CONSTÂNCIA (EXCERTO)

Mais do que falar do livro, julgo pertinente falar no que suscita... ou melhor, para onde me transportou, durante as múltiplas vezes que viajei pelas suas páginas. No fundo, partilhar convosco um conjunto de divagações, e algumas angústias para as quais não vejo solução imediata. Resta-me apenas um pouco de esperança na humanidade, e na ciência...

Permitam-me, como deferência ao Senhor D. Armando, que evoque o Cântico das Criaturas de Francisco de Assis, que no Museu Carlos Machado faz ligação entre o coro-alto do antigo convento de Clarissas e os animais da coleção de História Natural, porque antecedeu e inspirou a encíclica *Laudato Si*, do Papa Francisco. A encíclica que em 2015 trouxe tantas expectativas e hoje parece tão esquecida. O certo, é que temos negligenciado a Casa Comum.

Mais do que nunca, parece claro que a questão é ética. Também política, social, económica... mas ética. **Conseguiremos estabelecer regras e limites para a ação humana, aceitando princípios e valores que promovam a convivência harmoniosa e justa entre os indivíduos, a sociedade e o planeta, como um todo? Que limites temos de impor a nós próprios, para nos defendermos de nós próprios, e assegurar um futuro equilibrado e justo?**

Somos o que valorizamos. E assim sendo, os sinais são, no mínimo, preocupantes... olhamos à nossa volta e o que sobressai é que valorizamos a posse, o consumo, a ostentação, o desperdício, a moda, a euforia e o êxtase, o comodismo, a afetividade fácil...

Há muitos anos, num encontro sobre bioética, descrevi-me preso na seguinte imponderabilidade: **não é que eu não quisesse mudar o mundo, ele é que não queria que eu o mudasse.** Assumia, assim, o peso da resistência à mudança, o peso do sistema instalado. Na altura, advogava que não só era necessário pensar globalmente e agir localmente; *como* **era fundamental intervir individualmente***.* A pedagogia do exemplo, do bom exemplo, independentemente das circunstâncias, ou das atenuantes que arranjamos para apaziguar as nossas consciências.

Somos uma espécie que adquiriu a capacidade ímpar de imaginar para além do real, de reinventar a realidade e de transformar tudo, rapidamente, num contínuo (continuum?) uniformemente acelerado.

Como já acumulei umas quantas idades, e sou uma pessoa idosa (como diria o meu amigo Francisco Lima), assisti, no tempo da minha vida, a alterações gigantescas que demonstram a aceleração constante em que vivemos e que aumentam vertiginosamente o ritmo da mudança.

Lembro que em apenas algumas décadas a relação harmoniosa com o ambiente, vivenciada principalmente nos meios rurais, se transformou em sociedades de consumo e de desperdício.

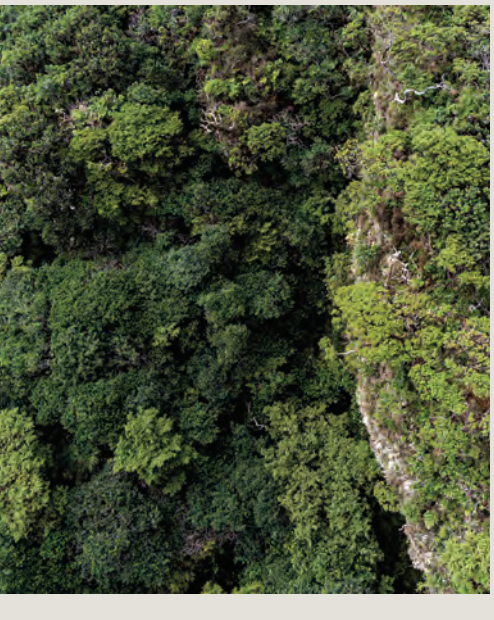
Assisti à transformação das lagoas da ilha de São Miguel, a uma eutrofização acelerada por práticas agrícolas desadequadas. Testemunhei o avanço incontrolado de pragas e a infestação de zonas selvagens; sou do tempo das longas viagens de 40 km, que se planeavam com semanas ou meses de antecedência, e que deram lugar à banalidade de transpor o oceano em horas. Das viagens longas e penosas de outrora, às idas e vindas a Lisboa no mesmo dia...

Dos quase inexistentes plásticos à sua ubiquidade universal... e à contaminação dos mares... Na verdade, deixou de haver alcatrão nas praias, que passaram a estar carregadas de microplásticos – o alcatrão processado.

As coisas nem sempre foram como são, e estamos também a tornar-nos cada vez mais exigentes e mais conscientes.

Hans Rosling (Factfulness, 2019) tem usado dados estatísticos fidedignos para demonstrar que a grande maioria das pessoas tem uma ideia bastante mais negativa da realidade e que nas últimas décadas há significativas melhorias: a longevidade média mundial está na casa dos 70 anos; 80% da população mundial têm algum acesso a eletricidade; 80 % das crianças de 1 ano tomou pelo menos uma vacina... as grandes cidades já não têm os níveis de poluição de há 40 anos;

Nos últimos cento e tal anos, mercê do desenvolvimento pouco sustentável, conseguimos proezas e feitos fantásticos que vão ficar nos anais do Antropocénico: inventámos a eletricidade, a telegrafia; adquirimos a capacidade de voar; inventámos curas para doenças incuráveis; viajámos no espaço; descobrimos o código da vida, mapeamos o genoma humano; inventámos a Internet e as redes sociais. Criámos vacinas em tempo record; inventámos a técnica Crisper CAS-9, o que nos torna a primeira espécie do planeta com o conhecimento e a capacidade técnica de alterar a sua própria natureza genética, rescrevendo o código da vida, e de sermos nós próprios a condicionar, e a alterar, a própria evolução, bem como a de outros seres vivos. E também criámos a ameaçadora Inteligência Artificial. Também assistimos a grandes catástrofes, a guerras mundiais, e a pandemias.



Hoje, vivemos sob a ameaça das Alterações Climáticas, dos Cisnes Negros – esses acontecimentos imprevisíveis que mudam as nossas vidas e que depois de acontecerem parecem óbvios e inevitáveis – e da ameaça de um Inverno Nuclear, que talvez esteja apenas a uma demência de distância.

Criámos um sistema económico que parece privilegiar a economia dos problemas, mantendo-os, mais do que a economia das soluções. Questiono, amiudamente, quão verde, é a economia verde.

Também temos conseguido acentuar as assimetrias sociais e económicas, e o balanço pouco favorável ao planeta: temos aumentado o déficit ecológico, com a pegada ecológica a ser bastante superior à biocapacidade. Mais de 80% da população mundial vive em países que estão, neste momento, com défice de biocapacidade – ou seja, a utilizar mais recursos que aqueles que conseguem regenerar e, no caso de Portugal, a pegada ecológica excede a biocapacidade do país em 243%.

Hoje, a estratégia de sustentabilidade para reduzir o impacto ambiental da produção e do consumo, já vai nos 5 Rs: Reduzir, Reutilizar, Reciclar, Reparar e Recusar. Formas de minimizar a quantidade de resíduos que produzimos e assim reduzir a pressão sobre os recursos naturais. Uma maneira de assumir responsabilidade ética e de adotar uma abordagem mais consciente e responsável em relação ao ambiente.

Mas alimentamos bem as nossas ilusões e esquecemos que estamos aqui por consentimento da natureza... um consentimento pode terminar, de um momento para o outro, sem aviso prévio.

E não há um Plano B nem Planeta B. O Exoplaneta mais próximo da terra, e em teoria capaz de sustentar vida, está a 4.2 anos-luz – e que por acaso é conhecido como "Próxima B" (ou Próxima Centauri b). Não vai ser fácil lá chegar.

Parece inevitável: temos mesmo de voltar ao *retrocesso sustentável*. Precisamos de políticas mais rigorosas, que combatam o desperdício e a exploração desadequada de recursos, precisamos de contenção energética e de políticas sociais eficazes, humanistas. Enquanto o PIB for o principal indicador da riqueza dos países, estaremos sempre a promover o aumento do nosso impacto sobre o planeta.

Já vão longas estas divagações. Mas antes de terminar, quero deixar-vos com mais uma inquietação: *Onde nos vai levar a Inteligência Artificial.* O Chat GPT (Generative Pre-Trained Transformer) "Transformador generativo Pré-treinado" é um modelo de linguagem capaz de gerar textos a partir de um contexto inicial.

Para já, parece difícil predizer os impacto e implicações que pode ter num futuro muito próximo, para o bem e para o mal... com um testemunho aqui fica o que o Transformador Generativo da OpenAI me devolveu quando pedi:

Faz um texto para a apresentação de um livro de fotografia da natureza, designadamente da floresta natural Laurissilva dos Açores, vegetação pristina, também chamada floresta das nuvens:

"Este livro de fotografia é uma homenagem à beleza e majestade da floresta Laurissilva dos Açores. Localizada numa região remota do Oceano Atlântico, essa floresta é um tesouro natural de importância incomparável. Conhecida como a floresta das nuvens, a vegetação pristina da Laurissilva é uma das mais antigas florestas do mundo, tendo sobrevivido praticamente inalterada desde a era Terciária.

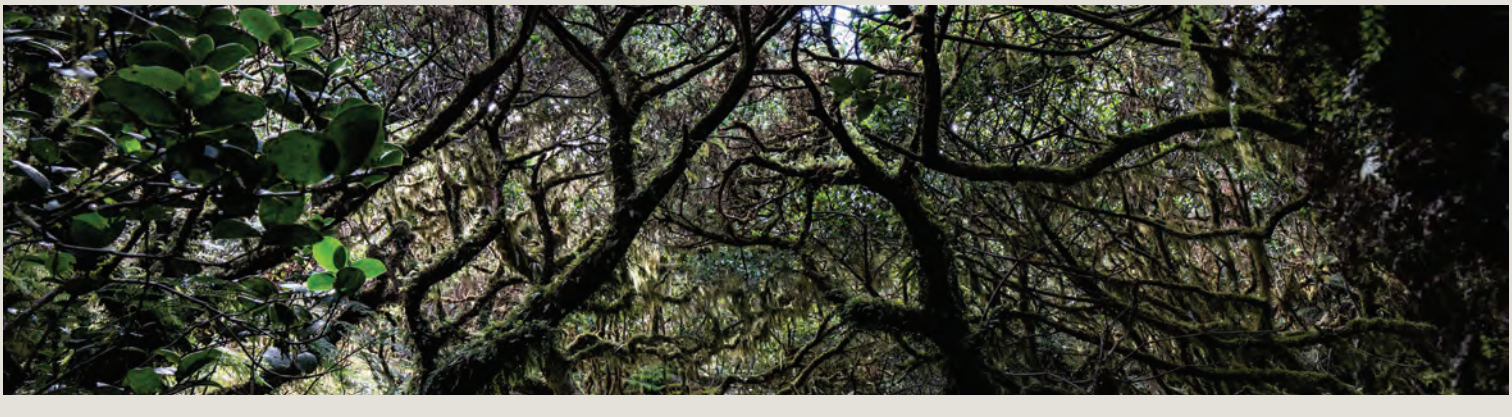
As fotografias contidas neste livro captam a incrível biodiversidade dessa floresta, onde muitas espécies endémicas de plantas e animais encontram seu habitat natural. As imagens são uma combinação de perspetivas amplas e detalhes íntimos, que capturam a beleza sutil da vegetação, as cascatas cristalinas e as sombras mágicas.

Mas as fotografias deste livro vão além da beleza estética da floresta. Elas também contam uma história sobre a importância vital da conservação da natureza. A Laurissilva é uma floresta única, que desempenha um papel fundamental na manutenção do equilíbrio ecológico em toda a região. Através dessas imagens, podemos testemunhar a importância da proteção da floresta, e como seu cuidado e manutenção são cruciais para a preservação do nosso planeta.

Este livro de fotografia da floresta natural Laurissilva dos Açores é uma obra de arte que transmite a riqueza da natureza de forma única. É uma chamada para a ação, para que todos possamos nos tornar guardiões responsáveis do nosso meio ambiente e proteger os tesouros naturais que temos em nosso planeta."

Nem sei que diga... devia ter-me ficado pela Inteligência Artificial!

Angra do Heroísmo, 2023.03.23



INSTANTÂNEA COM VIDA DENTRO

TEXTO DE APRESENTAÇÃO DO DR. RUI MACHADO A PROPÓSITO DE *FLORESTA DAS NUVENS*, DE PAULO HENRIQUE SILVA

De longe é o *primum tempus* que avança, parecendo despertar de um sono de milénios. Vê-se então a paisagem que se estende como um belo e amplo painel de azulejos, mas pouco se compreende. À parte o jogo das linhas que sobem e descem em quadros de luz e sombra cruzando o relevo, tudo o resto é difuso e parece que cai a pique sobre o mar. Ou que se ergue a partir dele. Não se percebe bem. De perto, porém, distinguem-se as coisas singulares. Todas elas têm cor, forma, som. O trinar dos sinos. O canto do galo. As cameleiras orvalhadas. Os cães que latem. A luz sonolenta da manhã espalhada pelos canteiros, pelos campos, pelos telhados, e pelas ruas da pequena localidade. A corrida desenfreada dos automóveis. O gado nas pastagens. A mulher velha que se levanta da cama com preguiça do futuro. Os melros famintos aos saltitos. O voo solitário do queimado em trajetórias desenhadas sobre a eira. O sonho que desperta para mais um dia de trabalho… os cheiros das casas… as fotografias dos perentos sorrindo enquanto jovens. E mais adentrada, relativamente ao que o olhar distraído pode ver — também porque mais elevada, entrançada, desengonçada, única pele verdadeira desse pedaço de ilha que não tem gente, nem coisas feitas pela gente —, a natureza prístina da floresta das nuvens. Alinhadamente desalinhada. Rara. Frágil. Valiosa. Rangente carícia que estonteia o primeiro olhar. Corpo de rosto sempre novo, mas esqueleto tão antigo que a razão tem de correr a fundo, para a conseguir datar, catalogar, entender.

Não há nada mais novo do que esta visão que assoma e ao encontro da qual a memória se junta com evocações renovadas. Tudo conta. Tudo está presente. Às vezes, para ver melhor, é preciso afastarmo-nos. Mas outras temos de mergulhar no âmago do que aparece, para compreender realmente o que se passa. Com o corpo. A inteligência. O coração. Pegar até mesmo no esterco para com ele fazer a alegria da sementeira onde a planta destemida medra. Mas sobretudo, a resistência corajosa para insistir, persistir, aprofundar, cuidar, conservar e documentar. Para que nunca seja possível chegarmos a um ponto em que só caminhamos depressa para antecipar o fim de tudo.

Esta é a proximidade que grita e a ressonância do seu grito vai para todo o lado, parecendo dizer VÊ-ME. Certas maneiras de ser, por exemplo. Rostos que introduzem variações no que parece plano e parado. Rostos de pessoas com nomes, que surgem para nos relembrar floresta das nuvens, de Paulo Henrique Silva. Instantânea com vida dentro que o lugar é habitado. E que também aí a luz cai sobre todas as coisas, e cada coisa tem sua sombra. Espevitando o que parece plano e parado.

António é o primeiro que se vê. Aqui o temos numa singular errância, inativo, incapaz. Sempre cheio de dúvidas, ocupa-se de uma luta que não entende contra a solidão, deitado na cama a olhar fixamente para o teto, ultimamente infeliz. Insatisfeito. Com o coração aos saltos. Tentando dissimular o medo com um sorriso que tem tanto de ingénuo como de travesso.

Depois dele, o olhar intruso demora em Eduarda. Atrai-o esta mulher perseguida por uma conceção tão intransigente da liberdade interior que a delicada ordem do que a rodeia estremece com o seu remorso. Sobre ela recaem toda a sorte de energias e afetos. É um íman cuja polaridade atrai e repele, sem diferenciação e com a mesma facilidade, tanto o que se admira como aquilo que se reprova.

Mas mais inquieta do que ela, porque mergulhada nas sombras que a desenraízam do mundo com uma violência radical, Ana é talvez a mais insegura das criaturas. Pregada a uma maneira de viver que claramente a dilui na penumbra social, cumpre as rotinas quotidianas com a cabeça cheia de palavras que nunca disse e que provavelmente nunca dirá, por timidez, ingenuidade, ou apenas por desconfiança. Na sua expressão, ela parece dizer continuadamente, falando para si mesma: «Tu não sabes o que queres». Só que ela própria tem um pé na realidade e outro no imaginário.

Mas para outros a decisão é uma porta aberta para todas as possibilidades. Inclusive mesmo possibilidades mais profundas que o desejo de liberdade.

Augusto é o próximo na linha das singularidades visíveis, uma vaga que não

sabemos se chegará a levantar-se da superfície da água nem o que fará com a tensão das forças que a sustentam. Vai, mas não sabe para onde. Sendo um homem novo, vemo-lo cansado, ausente, descrente de tudo, deitado com os olhos bem fechados e o coração a bater-lhe muito fraco, em pleno processo de aprender como a vida também pode ser feroz e cruel.

Isto vê-se, mas aquilo que se vê reinventa-se. Apesar das restrições que toda a reinvenção apresenta. É que, por detrás do mundo visível, há outro mundo e por detrás deste existem ainda outros, cada um mais adentrado que o anterior no que não consegue ser visto nem compreendido. É então que as certezas vacilam, dando lugar à hesitação que não para floresta das nuvens, de Paulo Henrique Silva. Instantânea com vida dentro nunca. Ainda que seja provável serem mais reais do que os mundos visíveis por detrás dos quais subsistem, inefáveis, e, todavia, expetantes. Porque escapam ao ato de ver tanto quanto ao ato de reinventar. É por isso que se apresentam numa vagueza imensa.

Bem de perto, porém, o que se vê no *secundo tempus* que vem, para além das faces e dos nomes? O que se vê no centro depois de preenchida a circunferência?

António. Eduarda. Ana. Augusto. Quatro corações singulares, cada qual batendo a seu modo na mimese. Quatro formas particulares de ser. Quatro modos de habitar o mundo e de estar na vida. De momento, não importa saber o que são. O que fazem. O que comem. Quanto dormem. Do que gostam. São quatro normalidades como quaisquer outras. Ocupam um lugar e um tempo, algures numa linha entre nascer e morrer. Têm roupa, trabalho, números que os identificam e personalizam, para além do que pensam e sentem. Querem e ousam. Mas o que pensam eles? E o que veem eles? E para onde olham? E o que ouvem? Estarão distraídos também eles com os ruídos e as aparências? Olham para trás, para a frente, para o lado, para dentro? E quando olham, reparam realmente no que veem, demoradamente, com atenção aos detalhes, à fulguração maravilhosa da vida na sua gramática mais simples e mais puras, ou ficam-se pelas cores e pelas formas da superfície?

E estarão eles preparados — e nós com eles — de ouvir o silêncio que grita para ser escutado, urgentemente compreendido e respeitado? Para desacelerar a marcha e seguir mais devagar. Parar. Olhar. Escutar. Sentir. E assim reconhecer o esplendor de uma realidade que existe mesmo ali, lado a lado com o nosso mundo quotidiano? Porque tão junto de nós, e tão parte de nós, há pedaços preciosos do mundo que devem ser estimados, conservados, amados — mas para isso têm de ser conhecidos.

O que sobe tem de descer. Todos sabemos. Mas nem tudo o que sobe é água ou ideias. Juntamente com o útil, produzimos o inútil. Alimentamo-nos dele. E condenamo-nos com ele. Porém, o inútil também sobe. Só que é mais pesado. Indiscutivelmente mais perigoso. Destrutivo. Razão pela qual é devido perguntar que compromisso estarão eles dispostos a assumir — e nós com eles —, no sentido de travar esse ímpeto consumista que promove o inútil, acelerando tão estulta niilização de nós mesmos?

E serão eles capazes, António, Eduarda, Ana, Augusto — e com eles nós também — de frenar a pressa em que vamos, com vista a conseguirmos atender à urgência da vida que nos interpela? Serão eles capazes de assumir — e nós com eles —, isoladamente e em floresta das nuvens, de Paulo Henrique Silva. Instantânea com vida dentro conjunto, o compromisso de atender e cuidar da casa que temos, e que é a única que nos convém, porque estamos vivos e queremos viver, construindo um saber tal que nos permita habitar para além da estrita necessidade de produzir? De olhar para as coisas sem querer nada em troca, apenas pelo prazer de as contemplar — olhar sem incomodar, deixando que as coisas sejam exatamente como são? De ler o texto em que a natureza se escreve, para além do espartilho das gramáticas? Ou de conciliar a voracidade do tecnológico com a premência do natural, de novo ligados à natureza para além dos documentários televisivos?

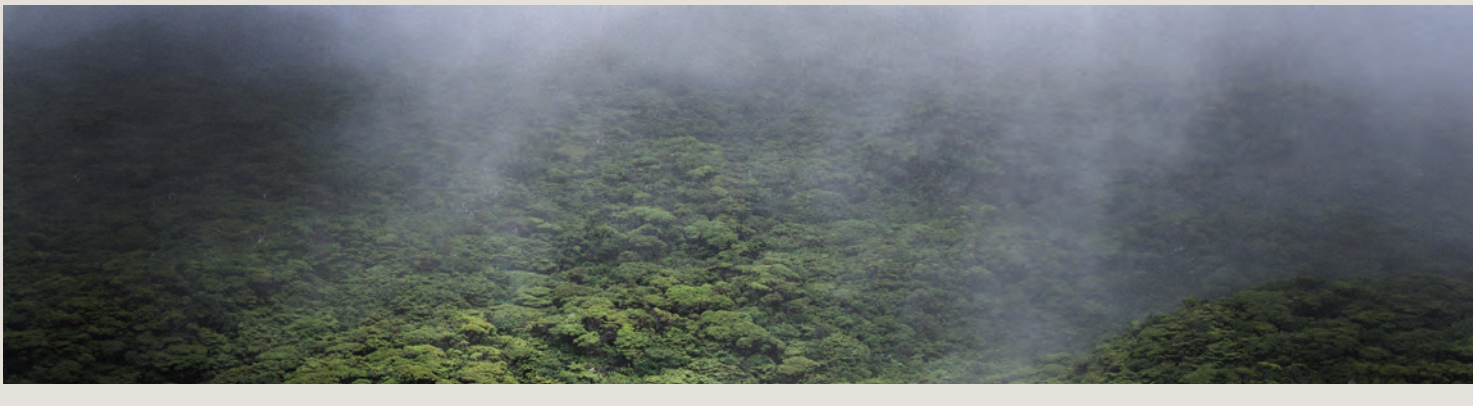
Ainda há muito mundo para ver, conhecer e refletir. Essa é uma tarefa de António, Eduarda, Ana, Augusto. Mas nossa também. Ontem, agora, amanhã. Passo a passo, mas firmemente. Sempre a aprender, mas convictos. Individualmente fracos, mas empenhados. Às vezes distraídos, mas sem perder o fito. Excecionalmente capazes, mas com pés de barro. Procurando a luz, mas produzindo sombras.

E sempre de bússola no bolso, todavia, para o caso de perdermos o norte.

Por estas razões gostaria de recomendar floresta das nuvens, de Paulo Henrique Silva. Não sendo — nem querendo ser — nenhuma bússola, é um livro belíssimo. Despretensioso. Um olhar partilhado acerca dos pormenores que nos escapam, dos detalhes que o nosso olhar omite, se entretidos na correia do dia-a-dia. Sem dedos apontados à consciência, nem pretensões morais. Um poema comovente acerca do primordial que ainda subsiste, e com o qual partilhamos a mesma Terra — que é, apesar do lugar-comum, a única casa que temos. Um poema sem palavras, mas carregado de significações. Um olhar sem coordenadas, nem guia. Um abraço afável, sensível, dado com braços que não agarram nem prendem, mas que, pelo contrário, incitam à libertação. Captações de instantes de vida que interpelam a nossa capacidade de amar para além do previsível. Do vizinho reconhecível de imediato. Do rentável. Do expectável e conveniente.

Floresta das nuvens não é — nem pretende ser — nenhum plano para resolver seja o que for. Aliás, não é um livro que sugira nada. Como o autor refere, apresenta-se como uma «coleção de esboços feitos a partir da luz vinda do céu e dos nevoeiros vindo do mar». Apenas isto e com esta simplicidade. Janelas abertas para um património milenar, que vive ao nosso lado sem que, no entanto, a sua presença nos incomode. Retratos de formas de vida habitualmente não observadas. Retalhos perspicazes, límpidos, daquele primordial que subsiste no mesmo espaço onde somos, respiramos, sonhamos. Fulgurações de uma estética natural, ainda intacta, que não requer quaisquer referências para ser verdadeiramente fruída. Testemunhos surpreendentes da vida intocada ainda pela cupidez floresta das nuvens, de Paulo Henrique Silva. Instantânea com vida dentro do Homem. Razões, enfim, para vermos neste livro tão delicado um murro no estômago. Não com o objetivo de ferir ou magoar. Não para nos diminuir ou apoucar. Mas para convidar-nos para um passeio que nos deixa mais felizes. Ao mesmo tempo que nos concita a atenção para a necessidade absoluta, premente, limite, de repensarmos o que significa a vida e o que é ser humano.

Estaremos nós todos preparados — e connosco António, Eduarda, Ana, Augusto — para habitar a Terra prescindindo da tradicional concessão de domínio, que a tradição hebraica nos confere desde o Génesis? E seremos capazes de assumir — praticando-a — uma nova moral onde o homem não seja o seu exclusivo, nem tampouco o seu centro? Já com ambos os pés avançando pelo século XXI, conseguiremos pensar o mundo natural sem a premissa ocidental dominante de que esse mesmo mundo existe, exclusivamente, para nosso próprio benefício? E conseguiremos corrigir a maneira como vivemos o presente, de modo a não comprometer, ou inclusive mesmo hipotecar, a vida dos nossos filhos, e a de todos aqueles que hão de ser testemunhos e herdeiros nossos quando o porvir chegar?

Conseguirão António, Eduarda, Ana, Augusto — e nós como eles — criar uma tal relação de apreço com a natureza, que produzir e preservar sejam realidades possíveis de compatibilizar? E estarão eles preparados para assumir — e todos nós como eles — uma prática comportamental mais bem informada, mais sábia e capaz, atenta e sensível, que não se escude sob a proteção de uma ética antropocêntrica, completamente desatualizada, umbigocêntrica e fora de prazo? Oxalá. Porque o verdadeiro espelho do que somos é aquilo que fazemos. Ontem. Agora. Sempre.

Horta, 2023.05.24